

Macabéa

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI

Felipe Peixoto

URCA-PPGL

 0009-0000-3626-484X

Guilherme Mariano Martins da Silva

URCA-PPGL

 0000-0002-7073-0506

A FLUIDEZ DO GÊNERO LITERÁRIO DE O MEZ DA GRIPPE DE VALÊNCIO XAVIER

THE FLUIDITY OF LITERARY
GENRE OF O MEZ DA GRIPPE
BY VALÊNCIO XAVIER

Como citar

Peixoto, F., Mariano, G. A Fluidez do gênero literário de O mez da gripe de Valêncio Xavier. **Macabéa—Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 14, n. 2, p. 18, jul.-dez. 2025, p. 78-94.

VOLUME 14, NÚMERO 2, JUL.-DEZ. 2025
ISSN 2316-1663
DOI: 10.47295/mren.v14i2.2348

RECEBIDO EM 01/10/2025
APROVADO EM 06/11/2025

Abstract: This study seeks to analyze the possible interpretations of literary genre about *O mez da gripe* by Valêncio Xavier. The book, originally published in 1981, with the indication “*novella*” on the cover, encourages debates about its literary classifications till these days, mainly because of the composition of the work, which is made up entirely of hybrid elements, such as excerpts from newspapers, advertisements, drawings and engravings, photographs, reports from government authorities and even a poem from Xavier that extends throughout the entire book. That said, we seek to debate the main classifications brought to *O mez da gripe*, such as a novel, graphic novel and a hybrid, between fiction book and a journalism book. In addition to this, we conjecture about the fluidity of literary genres proposed by Tzvetan Todorov and Maurice Blanchot, as well as how this concept could apply to Valêncio Xavier's book, questioning the need to “fit” all literature to a predetermined literary genre.

KEYWORDS: *O mez da gripe*. Literary genres. Fluidity of literary genres. Verbal and visual hybridism.

Resumo: Este estudo busca analisar quais os tipos de gêneros literários são atribuídos ao *O mez da gripe* de Valêncio Xavier. O livro, publicado originalmente em 1981, com a indicação de “*novella*” na capa, até os dias de hoje fomenta debates sobre sua classificação literária. Esses debates são derivados principalmente da hibridez da obra, composta de elementos de códigos literários, como o poema de Xavier que se estende ao decorrer do livro, e códigos não literários, como trechos de jornais, fotografias, anúncios publicitários, desenhos e gravuras, relatórios e comunicados de autoridades governamentais. Dessa forma, buscamos debater as principais classificações atribuídas *O mez da gripe*, a saber, a “*novella*”, a *graphic novel* e livro-reportagem. Nesse sentido, conjecturamos ainda sobre a fluidez dos gêneros literários proposta por Tzvetan Todorov e Maurice Blanchot, que questiona sobre a necessidade de toda obra estar vinculada a um gênero literário específico. Assim, buscamos ainda analisar como essa fluidez poderia se aplicar ao livro de Valêncio Xavier, questionando essa necessidade de “enquadrar” *O mez da gripe* a um determinado gênero.

PALAVRAS-CHAVE: *O mez da gripe*. Gênero literário. Fluidez dos gêneros literários. Hibridismo verbo-visual.



Copyright (c) 2025 Felipe Peixoto e Guilherme Mariano Martins da Silva.

Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

1 INTRODUÇÃO

Nomes são vínculos poderosos. A partir do momento que nomeamos algo, podemos estar vinculando aquilo a concepções ou moldes determinados anteriormente. Com os gêneros literários, essa regra não parece ser diferente. Desde a antiguidade, principalmente partindo dos ensinamentos de Aristóteles, buscamos entender e delimitar tipos de gêneros literários e quais obras poderiam ser alocadas a esses. Brevemente, iremos delimitar e apontar as principais características dos gêneros conjecturados por Aristóteles.

O filósofo grego categorizou três grandes grupos desses gêneros: épico (também chamado de epopeia), lírico e dramático. O gênero épico pode ser definido como aquele que possui um herói realizando atos exemplares, onde havia a tentativa do poeta de representar visões divinas, já que havia uma mimetização desses seres superiores. Também possui uma escrita objetiva, já que esse herói geralmente representava características de um povo, e não características individuais, próprias. O lírico, por sua vez, era o tipo de composição cantada, acompanhada de uma lira, daí o nome. Diferencia-se do épico principalmente por focar em questões subjetivas, em emoções individuais.

Por fim, o gênero dramático, composto por textos criados com o objetivo de serem encenados. São divididos em atos, com protagonista, antagonista e coro, ao entorno de um conflito central. Podem ser escritos em versos ou não, podendo ser líricos se tratando de emoções e subjetividades. O dramático se subdivide ainda em dois tipos: a comédia e a tragédia. A primeira é representada com tom jocoso, sarcástico, crítico, cômico; versando sobre estereótipos humanos, como o bufão e o pícaro. Geralmente, as narrativas da comédia começam com complicações, problemas aparentemente sem solução, mas que terminam com final feliz. A tragédia, por sua vez, apresenta narrativa com tom sério, formal. Diferentemente da comédia, tem um início ameno e feliz, mas que resulta em um final trágico, geralmente ocasionado pela intervenção de forças divinas.

Da Grécia antiga até a contemporaneidade, os estudos dos gêneros continuaram sendo ampliados e analisados ao decorrer do tempo, como a *novela* no século XIV e o *romance burguês* no século XVIII. Dessa forma, obras literárias foram estudadas e interpretadas, na maior parte das vezes, conforme a sua classificação de gênero, como os romances de José de Alencar e as novelas de Gabriel García Márquez.

Ainda assim, de tempos em tempos, surgem obras que desafiam e questionam os gêneros literários. Esse é o caso do nosso objeto de estudo, **O mez da gripe**, de Valêncio Xavier, publicado originalmente em 1981, de forma artesanal pela Fundação Cultural de Curitiba, e, posteriormente, em 1998, reeditado pela Companhia das Letras, edição que utilizaremos para nossas análises, especialmente por ser uma edição de mais fácil acesso.

O mez da gripe, como o nome sugere, narra os três últimos meses do ano de 1918, desvelando como Curitiba foi afetada pela pandemia da Gripe Espanhola. Além de demonstrar o cotidiano da capital paranaense afetado pela doença, Xavier também aborda, em uma perspectiva de macronarrativa, os momentos finais da Primeira Guerra Mundial. Todavia, um dos motivos que faz **O mez da gripe** ser ainda mais intrigante, analisado e alvo de estudos até a contemporaneidade, é a forma como

sua narrativa é montada: através de trechos de jornais, fotografias, relatórios e comunicados de autoridades sanitárias e anúncios publicitários, gravuras, desenhos; a maioria deles extraídos da década de 1910.

Dessa forma, o estudo de gênero da obra de Xavier se faz poroso, derivado principalmente desse hibridismo verbo-visual, que podemos definir de maneira breve, como a combinação do discurso verbal e não verbal. No caso específico de **O mez da gripe**, a junção da escrita e elementos de prosa, com signos pictóricos provenientes de outras mídias diferentes do código literário (Neves, 2006, p. 39).

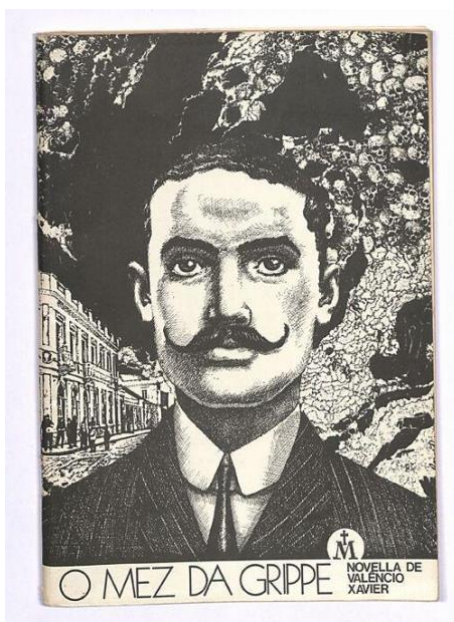
Logo, é revelado que tentar apontar um gênero literário para **O mez da gripe**, pode ser uma tarefa falha, ou até mesmo desnecessária, como defendido por Todorov na fluidez dos gêneros literários, a qual analisaremos posteriormente. Decorrente desse raciocínio, apresentamos as seguintes questões para guiar o nosso estudo: seria possível classificar uma obra que mescla diferentes mídias, formas de artes e linguagens (verbal e não verbal) em um gênero literário específico? A classificação e enquadramento se faz realmente necessária para estudarmos o livro de Valêncio Xavier?

Nesse sentido, como tópico de discussão do artigo, iremos abordar as principais concepções sobre o gênero literário e as classificações que geralmente são atribuídas a **O mez da gripe**. Apesar da capa da primeira edição intitulá-la como uma *novella*, fazendo alusão a grafia da década de 1910, a obra de Valêncio Xavier não parece que pode ser reduzida de forma tão simples e objetiva, mesmo que por seu próprio autor. Em uma tentativa de respondermos as questões apresentadas anteriormente, faremos um breve levantamento das principais classificações da obra, pela ótica de diversos autores, analisando essas diferentes interpretações de gênero de **O mez da gripe**. Por fim, apresentaremos uma breve análise de como o livro é visto e interpretado na contemporaneidade.

2 O MEZ DA GRIPPE, UMA NOVELA?

Logo nesse primeiro momento, é importante abordarmos a concepção do próprio autor, Valêncio Xavier, que parece interpretar o seu livro como uma novela, pois já na capa da primeira edição de **O mez da gripe**, coloca um pequeno grifo no canto inferior direito da página, indicando: “NOVELLA DE VALÊNCIO XAVIER”. Importante ressaltar que a escrita da palavra novela, está de acordo com a grafia da década de 1910, sendo uma proposta do autor para maior fidelidade ao período da narrativa.

Figura 1- Capa da primeira edição de *O mez da gripe*, 1981.



Fonte: Coleção Livro de Artista da Universidade Federal de Minas Gerais.

Além disso, também é importante ressaltar que a primeira edição do livro foi feita de forma artesanal, sendo confeccionada pela Fundação Cultural de Curitiba, custeada em grande parte por Valêncio Xavier. Logo, podemos perceber a dedicação do autor com os detalhes, já que foi o grande responsável pela confecção e publicação da sua obra (Borba, 2005, p. 47, 98). Assim, a pequena inserção do termo “*novella*”, na capa, não é apenas um chamariz ou ideia de um grupo editorial; mas sim de autoria do próprio autor.

Nessa linha de raciocínio, os professores Brunilda Reichmann e Paulo Sandrini (2018, p. 92), apesar de reconhecerem semelhanças do livro com o romance gráfico, entendem que: “Valêncio Xavier está realmente mais próximo ao conceito de novela na sua obra: uma *narrativa menos extensa e pretensiosa*, com um *número menor de personagens* e uma *ambição artística diferenciada*” (grifo nossos). Cabe o estudo desses elementos apresentados pelos professores ao analisar o gênero de **O mez da gripe**. Começando pela “ambição artística diferenciada”, esse elemento está diretamente ligado ao caráter híbrido e experimental da obra, mesclando códigos provenientes de outras mídias, como os jornais e a fotografia; aos elementos literários.

Para Antônio Manoel dos Santos, essa *ambição artística diferenciada* revela-se pela composição narrativa, feita com transposições e técnicas de outras mídias/artes, característica do período de experimentações artístico literária no Brasil nas décadas de 1970 e 1980. O professor Antônio Manoel (2009, p. 14), define esse período de experimentação na literatura como uma: “operação que coloca à prova um conhecimento, um objeto constituído ou instituído, um sistema, diante de uma hipótese de trabalho, de um método ou de uma técnica, operação essa que seja capaz de conduzir a retificações ou a correções”. Inclusive, esse fenômeno irá fomentar a incorporação dos códigos visuais à literatura, sendo **O mez da gripe** um dos seus maiores expoentes:

Figura 2- Código visual.



Fonte: Xavier, 1998, p. 53.

Para ilustrar não só o caráter da literatura experimental, mas também essa *ambição artística diferenciada* de **O mez da gripe**, analisaremos brevemente a figura acima. Na página 53 do livro, percebemos no topo da página a diagramação de uma seção de jornal, seguido por uma fotografia que ilustra um cortejo fúnebre da década de 1910. Abaixo, percebemos um comunicado do serviço sanitário da época, sucedido por um trecho em negrito, que faz parte do poema de Xavier que se estende durante todo o livro. Por fim, um trecho do *Commercio do Paraná*, jornal da cidade de Curitiba. Logo, podemos perceber uma visão artística diferente em Valêncio Xavier, por incorporar códigos visuais, tentando fomentar novos caminhos para a sua criatividade e para a literatura em si.

Seguindo a análise dos elementos, podemos perceber que a composição de uma narrativa *menos extensa*, parece ser coerente, vez que o tamanho do livro é de apenas 75 páginas. Além disso, também podemos perceber o caráter episódico, que geralmente é marca do gênero novelesco. Em **O mez da gripe**, esse caráter episódico é apresentado, principalmente, através dos trechos de jornais, cotidianamente, com algo que tenha ocorrido no dia referido pelo jornal; seja desvelando desdobramentos da micro ou da macro narrativa.

Nessa linha de raciocínio, o professor Evanir Pavloski¹ (2005, p. 50) também parece seguir a classificação de novela, uma vez que o livro de Valêncio Xavier se apoia em série de unidades e células dramáticas:

¹ Para conjecturar *O mez da gripe* como uma novela, Pavloski se apoia nos ensinamentos de Moisés Massaud (2001, p. 363), no seu dicionário de termos literários, ao qual o verbete aponta novela da seguinte forma: “constitui-se de uma série de unidades ou células dramáticas encadeadas e portadoras de começo, meio e fim. De onde semelhar uma feira de contos enlaçados. Todavia, cada unidade não é autônoma: a sua fisionomia própria resulta de participar de um conjunto de tal forma que, separada dela, não tem razão de ser. Por outro lado, a retirada de uma das parcelas acabaria comprometendo a progressão em que se inscreve”.

Dentro desse arquétipo textual que favorece a quebra da linearidade da ação ou de cada unidade de ação, Valêncio distribui ao longo das setenta e nove páginas da obra diversos fragmentos narrativos, pertencentes a diversos enredos, que se alternam sob o pano de fundo de um ano particularmente conturbado [...] Poderíamos identificar na obra pelo menos cinco células dramáticas, das quais uma seria a principal e descreveria o avanço da epidemia de gripe espanhola em Curitiba. As outras quatro - ligadas à primeira pela simultaneidade ou pela causalidade – descrevem a repercussão no Brasil da grande primeira guerra e as ações de personagens como um louco, um estuprador e uma testemunha da epidemia de 1918 que, cinquenta e sete anos depois, tenta recuperar as suas memórias.

Esses diferentes núcleos e células/unidades dramáticas, também estão ligadas ao caráter episódico mencionado anteriormente, sendo os núcleos que compõem a micronarrativa, sobre a gripe em Curitiba, e a macronarrativa, ligada a momentos da Primeira Guerra, parecem apontar para uma estrutura novelesca, principalmente pela divisão de células dramáticas explicadas pelo autor. Ademais, apesar de cada unidade da micro e macro narrativa parecerem independentes, se entrelaçam em diversos momentos da trama, vez que foram eventos históricos concomitantes, como podemos observar já na primeira página da obra:

Figura 3- Início da narrativa.



Fonte: Xavier, 1998, p. 13.

Valêncio Xavier já nos revela como as narrativas serão apresentadas na primeira página do seu livro, com a primeira fase sendo: “A paz está interrompida”, através de um trecho de jornal que anuncia a entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial - parte da macronarrativa. Logo em seguida, Xavier cola outra manchete de

jornal, dessa vez anunciando a chegada da gripe espanhola em território brasileiro, e consequentemente, no estado do Paraná e sua capital. Há ainda o início do já citado poema, que apresenta as andanças do “homem de bigode”. Percebe-se, portanto, o entrelaçamento das narrativas, com a chegada da doença e o agravamento do conflito mundial.

Ademais, a última característica de **O mez da gripe** que parece se alinhar com a classificação de novela, é de que Xavier quase não insere personagens em sua narrativa, sendo os poucos que aparecem de forma mais recorrente: Dona Lúcia, Trajano Reis, Clara Heisler e o “homem de bigode”. A forma que esses personagens aparecem são limitadas aos elementos que compõem o livro, ao qual explicaremos e ilustraremos em seguida.

Dona Lúcia, personagem de destaque no livro, devido aos depoimentos apresentados por Valêncio Xavier, é supostamente uma sobrevivente da gripe espanhola da década de 1910. Dizemos supostamente pelo fato de não ser confirmado por Xavier se ela realmente foi uma pessoa, que o autor entrevistou e colheu tais depoimentos. Esses depoimentos datam de 1975 e 1976, onde Dona Lúcia narra, de sua visão, acontecimentos que ocorreram em Curitiba:

Figura 4- Depoimentos de Dona Lúcia e anúncio da missa de Clara Heisler.



Fonte: Xavier, 1998, p. 75.

Nesses depoimentos, observamos uma breve história de Clara Heisler, suposta vítima da gripe espanhola e personagem de menor destaque, mas que aparece em manchetes de jornais e em dois anúncios de missa fúnebre. Mais uma vez, usamos supostamente devido ao fato de que os depoimentos de Dona Lúcia conflitam entre si sobre a real causa da morte de Clara. Outro personagem de menor destaque é Trajano Reis, diretor do Serviço Sanitário da época, que sempre aparece como o porta-voz oficial de instruções e recomendações sanitárias para a população, onde seu nome é destacado em todas elas.

Por fim, “o homem de bigode”, divide os holofotes com Dona Lúcia como personagens de maiores destaques no livro, uma vez que ele tem o já citado poema que se estende por quase todo o livro, desvelando as suas andanças por Curitiba em plena gripe espanhola, chegando a cometer até mesmo um crime que é destacado em seu relato em forma de poesia.

Seguindo os preceitos citados anteriormente, a professora Lígia de Amorim Neves (2006, p. 39), entende que **O mez da grippe** pode ser definido, mais especificamente, como uma “novela híbrida”. Isto significa que a classificação de novela e seus elementos estudados em epígrafe ainda são observados, mas adiciona-se o elemento da hibridez verbo-visual à classificação, ou seja, a junção do discurso verbal e signos pictóricos. Ainda segundo a professora (2006, p. 39), isso se deve pela montagem do livro, pois além da narrativa ser desvelada em caráter episódico, como os acontecimentos dos jornais mostrados anteriormente, também mistura:

por meio das técnicas de montagem e de colagem, cartas, poesias, trechos bíblicos, cartões postais, fotos, relatórios, depoimentos, pronunciamentos, decretos, matérias de jornais e até rótulos de produtos comerciais – está organizada aparentemente de forma caótica justamente para configurar a crise da época na materialidade textual da narrativa [...].

Essa classificação leva em conta o caráter específico da obra de Xavier, especialmente pelo fato de considerar a composição híbrida e a montagem dessas diferentes linguagens, partes intrínsecas à obra. Como exemplo de tal fato, podemos analisar a figura seguinte:

Figura 5- Hibridismo verbo-visual.



Fonte: Xavier, 1998, p. 27.

Nesse caso, percebemos a colagem e montagem de Valêncio Xavier: unindo elementos verbais e signos pictóricos, como a gravura do navio *Demerara*, no topo da página, apontado como o navio que trouxe as primeiras pessoas infectadas com a gripe espanhola para o Brasil. Além disso, o autor ainda coloca um trecho de jornal e um anúncio publicitário - com um desenho de uma mulher doente - ambos relacionados à doença e seus sintomas. Ainda podemos perceber, mais uma vez, trecho do poema, representando uma linguagem e diálogo entre diferentes mídias e códigos.

Essa montagem do livro é parte intrínseca da obra, sendo a hibridez entre texto e imagem não figura apenas como um regime de representação, como explica o professor Karl Schollhammer (2008, p. 89): “[...] não podemos tratar a imagem como ilustração da palavra, nem o texto como explicação da imagem. O conjunto texto-imagem forma um complexo heterogêneo fundamental para a compreensão das condições representativas em geral”. Isto significa que Xavier se utiliza de uma terceira linguagem, algo entre a escrita e a imagem, fugindo dos moldes mais tradicionais do gênero da novela.

Em contrapartida, apesar da classificação de novela de Valêncio Xavier e dos argumentos expostos no presente estudo, o escritor, na verdade, poderia estar pregando uma peça em seus leitores. Ao inserir “novella de Valêncio Xavier” na capa da primeira edição, o autor faz questão de colocar o segundo “L” em novela, como era escrito na década que se passa o livro. Logo, ao mesclar as gramáticas, o autor parece apontar que “*novella*” seria convenção da década de 1910, podendo ser recepcionado em um contexto diferente, já que **O mez da gripe** foi publicado em 1981, décadas depois do contexto da gripe espanhola. É como entende Antônio Manoel dos Santos Silva (2009, p. 13):

Embora seja possível que Valêncio Xavier tivesse elaborado essa narrativa como *uma espécie de travessura com o gênero “novela” ou com as convenções de boa parte dos textos literários* e, assim fazendo, recuperasse o gosto pelo jogo, tão caro à poesia ingênua e aos procedimentos criativos que se movem pela fantasia, o texto passou a ser apreciado como “literatura de invenção” e, nesse sentido, como *um marco da literatura experimental*. Tal avaliação encobria a ideia romântica da originalidade autoral e, por vias travessas, a exaltação das correntes de neovanguarda [...] (grifo nossos).

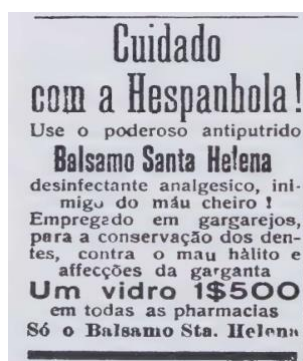
Assim, para Xavier, a classificação de novela seria uma espécie de jogo com os leitores, colocando uma pulga atrás da orelha do leitor, especialmente sobre os limites do real e do ficcional, característica presente em obras pós-modernistas como **O mez da gripe**. Nesse sentido, a professora Regina Chicoski (2004, p. 128) aponta que:

(...) O termo novela, de acordo com Massaud Moisés, tem origem no vocábulo latino “*novellus*”, adjetivo diminutivo originário de “*novus*”, ou

seja: novo, incipiente. Na Idade Média a palavra acabou significando enredo, trecho e daí narrativa enovelada, trançada. A palavra em português sugere engano, embuste, intriga, mentira. Durante muito tempo o termo foi empregado no sentido pejorativo para novelas fabulosas, inverossímeis, fantásticas. Comumente Valêncio Xavier especifica, para o leitor, se o texto é novela, conto ou “raconto”, como costuma usar. Tal atitude chama a atenção, porque a obra não se enquadra nos padrões tradicionais de definição de gênero literário propostos pela teoria literária.

Logo, podemos perceber as mudanças de convenções, mudanças dos significados de gênero e como eles são ou eram empregados, como apontadas por Antônio Manoel e o próprio Valêncio Xavier. Dessa forma, Xavier parece propor uma reflexão sobre discursos oficiais e a veracidade dos documentos colados no livro, como a promessa de remédios milagrosos e as estatísticas do governo sobre mortes da gripe espanhola:

Figura 6- Anúncio de remédio.



Fonte: Xavier, 1998, p. 60.

Figura 7- Estatísticas.

OS MORTOS DA GRIPPE					
ANNO DE 1918					
POPULAÇÃO DE CURITIBA E SUBURBIO = 73.000 HABITANTES					
DISTRICTOS	NASCI- MENTOS	CASA- MENTOS	OBITOS	OBITOS POR GRIPPE	
				NOV.	DEZ. TOTAL
CURITIBA	1.629	137	1.261	254	67 321
S. CASEMIRO	240	71	59	7	2 9
NOVA	127	16	34	3	2 5
POLONIA	248	59	112	31	18 49
PORTÃO					
TOTAL GERAL	2.244	283	1.466	295	89 384

DOENTES DE GRIPPE = 45.249
PORCENTAGEM DE OBITOS = 0,84%

RELATÓRIO DO SR DR. TRAJANO REIS
DIRECTOR DO SERVIÇO SANITÁRIO
CURITIBA 1918

Fonte: Xavier, 1998, p. 78.

Importante ressaltar que os documentos apresentados no livro, seja o anúncio de jornal ou as estatísticas do governo, realmente existiram, fazendo parte da história de Curitiba, sendo colhidos por Xavier na Biblioteca Municipal da cidade (Chicoski, 2004, p. 14). Por essa razão, a professora Maria Salete Borba (2005, p. 67-68) afirma que “O mez da gripe é uma novela histórica”, se apoiando nos conceitos de Moisés Massaud (1971, p. 158) sobre o gênero, que ensina: “A novela histórica caracteriza-se

pela recriação de um passado remoto ou recente através de documentos verídicos que dele restaram, submetidos à imaginação transfiguradora do ficcionista”. Percebemos, portanto, uma pequena variação, mesmo dentro do gênero novela, podendo se ater aos moldes usuais ou a uma classificação mais específica, a de novela híbrida, já que a obra junta a escrita a signos pictóricos. Observamos ainda, a intenção do autor de causar dubiedade em seu livro, desafiando as convenções para o que se entende como “*novella*” como gênero ao decorrer das décadas.

2.1 O MEZ DA GRIPPE, UMA GRAPHIC NOVEL?

O mez da gripe se utiliza de desenhos, gravuras, fotografias e outros elementos visuais para compor a obra. Esse parece ser um traço chave para a interpretação e classificação do gênero do livro. Talvez por essa razão, estudiosos o interpretem como *graphic novel*. Antes de abordarmos essa questão em si, é importante apontarmos que o conceito abordado sobre *graphic novel*, neste trabalho, se apoia nos ensinamentos de Will Eisner, quadrinista estadunidense que cunhou o termo. Nesse sentido, para Eisner, as *graphic novel* são: “[...] estéticas únicas de artes sequenciadas como forma de expressão criativa, uma disciplina singular, uma arte em literatura que lida com a combinação de imagens ou fotos e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia” (tradução nossa) (2008, p. 11). O livro de Xavier parece se adequar a essa proposta, justamente pela combinação de imagens e foto, à palavras, que servirá de base para composição da narrativa apresentada.

Com essa breve contextualização, Décio Pignatari, poeta e ensaísta brasileiro, ao se deparar com a reedição de **O mez da gripe** em uma livraria em Curitiba, comprou vários exemplares, um para cada aluno de seu curso de pós-graduação, afirmando que se tratava de um “verdadeiro romance gráfico” (*graphic novel*) (Reichmann e Sandrini, 2018, p. 91-92). Nessa ocasião, Décio Pignatari ainda escreveu que: “Esta a contribuição de Valêncio Xavier, particularmente no modelar ‘O Mez da Gripe’: não fez romance ilustrado, nem ilustração romanceada; abriu um novo caminho para a escritura. Escritura gráfica. É o nosso primeiro escritor romancista gráfico” [sic]. Logo, a parte visual de **O mez da gripe** é feita com tamanho esmero que desafia as fronteiras do romance, da prosa, evidenciando a importância não só de Valêncio Xavier e de seu livro, mas também, de como o autor (re)inventou caminhos para obras literárias cujo o visual constitui parte intrínseca de sua composição.

Ademais, Brunilda Reichmann e Paulo Sandrini (2018, p. 94), apesar de reconhecerem que tanto **O mez da gripe** como **A contract with God** são *graphic novels*, ressaltam as diferenças do livro de Valêncio Xavier com a obra de Will Eisner, publicada em 1978. A obra de Eisner, considerada um dos primeiros romances gráficos da história, possui capa dura, contendo quatro histórias curtas ficcionais, contadas a partir de uma forma híbrida. A de Xavier, apesar de também ser construída de forma híbrida, contém capa *paperback*, com traços modernistas e apoiadas em fatos históricos, como a gripe espanhola e a primeira guerra mundial.

De toda forma, Brunilda Reichmann e Paulo Sandrini (2018, p. 94) parecem considerar que o livro de Xavier tem um estilo mais “robusto” de *graphic novel*, pois “[...] o romance gráfico de Valêncio Xavier é também um registro histórico e jornalístico, um

delírio poético e uma narrativa reduzida com sabor novo historicista, fazendo com que o leitor vivencie a calamidade do início do século XX [...]”. Essa calamidade é desvelada ao leitor, como citado anteriormente, através dos diferentes níveis narrativos (micro e macro), ao qual Xavier atribuiu maior imersão no discurso verbal, através da grafia da década de 1910, a escrita do poema que se estende ao longo do livro, os testemunhos de Dona Lúcia, os comunicados dos órgãos de governo, entre outros. Já no discurso não verbal, realiza essa imersão através dos desenhos, gravuras e anúncios, também provenientes da década de 1910.

2.2 O MEZ DA GRIPPE, UM LIVRO-REPORTAGEM?

Partindo agora para outra classificação dada ao **O mez da gripe**, observaremos nesse tópico a intersecção da área do jornalismo com a literatura. Um dos motivos desse cruzamento entre áreas é graças ao processo de Xavier, ao colher diversos documentos jornalísticos da década de 1910, como citado anteriormente, acompanhando momentos sócio-históricos de Curitiba. Além disso, há também a inserção de códigos jornalísticos, trazendo diversos documentos e trechos dos jornais em si.

Dentre esses documentos, estão trechos de jornais da época, mais especificamente, matérias dos jornais *Diário da Tarde* e *Commercio do Paraná*, que entram em conflito durante maior parte da narrativa. O *Diário da Tarde*, mais progressista e sem aliança com o governo, tenta passar as informações ao povo da forma mais apurada possível, mesmo que possa causar pânico na população. Já o *Commercio do Paraná*, mais conservador e aliado ao governo da época, relativiza as notícias da gripe, com a motivação de não causar desordem ou desequilíbrio no comércio e economia local.

Na parte final do livro, inclusive, há a colagem de matérias inteiras, de ambos os jornais, de um caso ocorrido em um hospital psiquiátrico da época, mas cada um com detalhes dissonantes da outra. Por fim, ainda existem anúncios publicitários e fotografias, retirados de jornais da época. Todos esses elementos, em conjunto, acabam evidenciando a importância da imprensa, como também certo caráter jornalístico da obra.

Por essas razões, Marcos Antônio Zibordi, professor de jornalismo, conduz um estudo sobre a relação entre livro-reportagem e romance, apontando como esse gênero literário-jornalístico poderia ser observado em **O mez da gripe**. Apesar de interpretar o livro como novela em certos momentos e em romance em outros, é importante observar os ensinamentos do professor Zibordi (2021, p. 147) sobre as características do livro-reportagem:

[...] ampliação do jornalismo com elementos da literatura, enquanto esta seria ampliada ao ser praticada jornalisticamente. No livro-reportagem, tal confluência superaria a cobertura tradicional, aprofundando de forma horizontal e vertical a abordagem superficial na imprensa diária - a horizontalização é feita com dados, documentos,

constitui o aspecto quantitativo; verticalização se refere à interpretação, às subjetividades, características qualitativas.

Podemos perceber certa semelhança entre essa estrutura do livro-reportagem e **O mez da gripe**, principalmente pelos aspectos quantitativos e qualitativos mencionados por Zibordi. No aspecto quantitativo, ou seja, dados e documentos, existem no livro na forma dos trechos de documentos oficiais e relatórios sanitários, com estatísticas e dados sobre a gripe. No aspecto qualitativo, referente a interpretações e subjetividade, também se encontra presente em **O mez da gripe**, na forma dos depoimentos de Dona Lúcia e do poema outrora mencionado que se estende ao longo da obra. Logo, esses aspectos contribuem para a estruturação e montagem do livro, já que Valêncio Xavier teve um trabalho de diagramação, escolhendo como os documentos vão ser encaixados e como eles contarão a narrativa. Nesse sentido, Marcos Zibordi (2021, p. 151) ainda pontua:

O mesmo procedimento de estruturação encaixante pode ser visto no romance *O mez da gripe*, de Valêncio Xavier, no qual fotos, desenhos, reprodução de documentos e páginas de jornal, além de diferentes tipos e tamanhos de letras, vão sendo encaixadas, construindo a narrativa que nos serve de exemplo *para a proposição do livro-reportagem com imagens* (grifo nosso).

Por fim, podemos perceber como a influência de **O mez da gripe** não se empalidece na contemporaneidade, apresentando novas interpretações, passando por diversas áreas do conhecimento, como arremata Zibordi (2021, p. 167): “[...] é possível promover a ampliação de sentido em relação a **O mez da gripe**, capaz de dialogar com o campo jornalístico não só pelo uso de recortes de jornal na construção da ficção, mas desta para o livro-reportagem”. Assim, nesse caso, a literatura poderia servir de base não só para um diálogo maior entre mídias e artes, como também de permutas de técnicas (de montagem) como o hibridismo verbo-visual em **O mez da gripe**, não só alocando os elementos visuais e verbais em conjunto, mas também compondo uma narrativa através deles.

3 A FLUIDEZ DE GÊNERO DE O MEZ DA GRIPPE

Neste momento, após abordarmos, ainda que brevemente, as principais concepções acerca dos possíveis gêneros literários de **O mez da gripe**, propomos que tais classificações não são realmente necessárias. Primordialmente, se faz necessária a reflexão com base na fluidez dos gêneros literários, conjecturada por Tzvetan Todorov, filósofo e linguista búlgaro. Como ponto de partida e para devida contextualização, é importante analisarmos os ensinamentos de Maurice Blanchot, filósofo e escritor francês.

Blanchot (2005, p. 293-294), ao analisar as contradições entre literatura, livro e autor, defende que:

Só importa o livro, tal como é, longe dos gêneros, fora das rubricas, prosa, poesia, romance, testemunho, sob as quais ele se recusa a abrigar-se e às quais nega o poder de lhe atribuir seu lugar e de determinar sua forma. *Um livro não pertence mais a um gênero, todo livro diz respeito somente à literatura*, como se essa detivesse, de antemão, em sua generalidade, os segredos e as fórmulas exclusivas que permitem dar ao que se escreve a realidade de livro. Tudo aconteceria então como se, *tendo-se dissipado os gêneros*, a literatura se afirmasse sozinha, brilhasse sozinha na claridade misteriosa que propaga e que cada criação literária lhe devolve, multiplicando-a - como se houvesse, pois, uma "essência" da literatura (grifo nosso).

Podemos aduzir que as obras não se limitam a classificação dos gêneros, não devendo e nem podendo, ser enquadradas em um critério definitivo e delimitado. Assim, o livro faria parte da literatura por si só, e esta, caminhando sozinha, sem a necessidade de impor formas ou lugares. Antônio Manoel dos Santos (2006, p. 152), em outra oportunidade de análise de **O mez da gripe**, também parece entender que o livro de Xavier passou das fronteiras literárias, podendo ser equiparado à uma pintura: “Enquanto livro de arte – reluto em aceitá-lo como literatura apenas ou exclusivamente”. Ou seja, os elementos visuais presentes em **O mez da gripe**, compõem a obra de tal forma, que poderiam ser vistos como outro tipo de arte. Com essa devida contextualização, retornamos aos ensinamentos de Todorov (2018, p. 66):

Continuar a se ocupar dos gêneros pode parecer na atualidade um passatempo ocioso, quando não anacrônico. (...) Essa seria até mesmo uma marca de modernidade autêntica para um escritor que não obedece mais à separação de gêneros. (...) atualmente não há nenhum intermediário entre a obra particular e singular, e a literatura inteira, gênero último. Não há intermediário, pois a evolução da literatura moderna consiste precisamente em fazer de cada obra uma interrogação sobre o próprio ser da literatura (grifo nosso).

Vale lembrar que Todorov foi um renomado pensador do estruturalismo, possuindo certo apreço pelos gêneros literários, por conseguir identificar estruturas a partir da análise de partes menores. De toda forma, o filósofo considera que, para a evolução da literatura, devemos questionar essa separação de gêneros, fazendo da literatura moderna algo inovador, que não leva em conta esses preceitos para a sua composição. Podemos verificar que esses ensinamentos parecem se alinhar com toda a discussão trazida no decorrer deste trabalho, principalmente se considerarmos que Valêncio Xavier tenha sido “travesso” ao nomear seu livro de “*novella*”, uma possível

tentativa de romper com essa separação de gêneros ou de convenções pré-estabelecidas.

Além disso, é importante ressaltar que esse contexto de rompimento de classificação parece ter tido seu ápice no modernismo/pós-modernismo, justamente no período de produção de **O mez da gripe**. Ademais, percebemos que livros como o de Xavier, estão ligados à evolução da literatura, uma vez que segundo Todorov, cabe a tais obras – modernas e experimentais - questionar não só os gêneros literários, como a literatura em si, traço esse que é intrínseco a **O mez da gripe**. A obra de Xavier parece se adequar a esse questionamento, vez que desafiou os moldes tradicionais da literatura, quando o autor fez uso experimental do hibridismo, adicionando elementos visuais em sua obra, como também documentos provenientes de outras mídias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos verificar, portanto, que desde a data da sua publicação, **O mez da gripe** gera diversas interpretações sobre o seu possível gênero literário, e, mesmo sendo ressignificado durante esses mais de quarenta anos de publicação, ainda provoca debates e estudos sobre a sua classificação e seu lugar nos campos da literatura. Assim, o livro de Xavier consegue ser alvo das mais diferentes classificações, devido ao seu processo de montagem entre diferentes mídias, especialmente na colagem de trechos de jornais e fotografias da época. Logo, pode ser interpretado como uma novela, assim como Valêncio Xavier inseriu na capa da primeira edição, ou ainda, uma ramificação dessa, uma novela híbrida, por utilizar de elementos verbais e visuais em sua composição e forma de narrativa.

Nesse sentido, a mescla de elementos ainda faz **O mez da gripe** ser identificado, em outro olhar, como uma *graphic novel*, devido aos elementos visuais e prosaicos se assemelharem não só com as estruturas dos romances gráficos, como também com as técnicas utilizadas por muitos artistas. Ainda na seara de classificações, **O mez da gripe** é montado com tamanho esmero por Xavier, que desafia as fronteiras literárias, podendo ser classificado como livro-jornal, alcançando a área do jornalismo. Ademais, a obra de Valêncio Xavier ainda atinge, conforme a interpretação de Antônio Manoel dos Santos Silva, o *status* de “livro de arte”, de “pintura”, com seu hibridismo verbo-visual, figurando como ápice das experimentações artísticas-literárias no Brasil na década de 1980.

Conseguimos verificar, ainda, que além de possuir uma classificação fluída, especialmente pela possibilidade de ser identificado em vários gêneros, **O mez da gripe** poderia ir ao caminho contrário e simplesmente não ser classificado. Ora, a partir da fluidez dos gêneros literários proposta por Todorov, podemos inferir que os livros, por si só, já modificam e se inserem no campo da literatura. Eles não pertencem necessariamente a um gênero, se reafirmando por si só, negando lugares e forma pré-determinadas, impassíveis de novas possibilidades e novas interpretações. Por fim, **O mez da gripe** diz respeito a experimentações, a mudanças e ressignificações, ao passo que se ocupar de gênero literário, buscando “enquadrar” em um gênero de antemão, pode ter um viés anacrônico, levando a debates tecnicistas; além de critérios

que poderiam acabar por desconsiderar outras obras literárias simplesmente por tais valores pré-determinados.

REFERÊNCIAS

BLANCHOT, Maurice. PARA ONDE VAI A LITERATURA. In: BLANCHOT, Maurice. (Aut.). **O livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 285-370.

BORBA, Maria Salete. **Para além da escritura**: a montagem em Valêncio Xavier. 2005. Dissertação - Curso de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102448>. Acesso em: 5 nov. 2024.

CHICOSKI, Regina. **EROS E TANATOS NO DISCURSO LABIRÍNTICO DE VALÊNCIO XAVIER**. 2004. Tese - Curso de Letras, UNESP, São Paulo, 2004. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstreams/c750b289-c203-4a75-8944-488cd39ef181/download>. Acesso em: 5 nov. 2024.

DÉCIO PIGNATARI. **Folha Online**. "Mez da Grippe" abre novo caminho para a escritura. [S.l.]. Folha de S. Paulo, 1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq01109825.htm>. Acesso em: 6 nov. 2024.

EISNER, Will. COMIC AS A FORM OF READING. In: EISNER, Will. (Aut.). **Comics and sequential art: principles and practices from the legendary cartoonist Will Eisner**. New York: W.W. Norton & Company, Inc., 2008.

NEVES, Lúcia de Amorim. Um estudo sobre a escrita literária de Valêncio Xavier. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, Maringá: Redalyc, ed. 28, ano 2006, n. 1, p. 37-46, Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307324792005>. Acesso em: 19 nov. 2024.

NOVELA HISTÓRICA. In: MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2001.

NOVELA. In: MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2001.

PAVLOSKI, Evanir. LINGUAGEM, HISTÓRIA, FICÇÃO E OUTROS LABIRINTOS EMO MEZ DA GRIPPE DE VALÊNCIO XAVIER. **Revista Letras**, Curitiba: Editora UFPR, ano 2005, n. 66, p. 45-60, Disponível em: https://www.academia.edu/479299/Linguagem_hist%C3%B3ria_fic%C3%A7%C3%A3o_e_outros_labirintos_em_O_Mez_da_Grippe_de_Val%C3%A7%C3%A3o_Xavier. Acesso em: 1 nov. 2024.

REICHMANN, Brunilda; SANDRINI, Paulo. O MEZ DA GRIPPE:: DA CALAMIDADE PÚBLICA À ESTÉTICA HÍBRIDA. **Scripta Uniandrade**, Curitiba: Revista da Pós-Graduação em Letras – UNIANDRADE, ed. 16, ano 2018, n. 3, p. 90-109, Disponível em: <https://revistahom.uniandrade.br/index.php/ScriptaUniandrade/article/view/1154>. Acesso em: 6 nov. 2024.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. A literatura e a cultura visual. In: OLINTO, Heidrun Krieger; SCHØLLHAMMER, Karl Erik. (Org.). **Literatura e Cultura**. Tradução: . Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008. cap. 6. p. 87-103.

SILVA, Antônio Manoel dos Santos. A MÍDIA NA FICÇÃO: DO ROMANTISMO ATÉ O MEZ DA GRIPPE. In: SILVA, Antônio Manoel dos Santos. (Org.). **EXPERIMENTALISMO E MULTIMÍDIA: O MEZ DA GRIPPE**. Tradução: . São Paulo: Unimar, 2009. cap. 1. p. 23-38, Disponível em:

<https://www.unimar.br/biblioteca/publicacoes/2010/gripe.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2024.

SILVA, Antônio Manoel dos Santos. Ficção literária, vários meios. In: SILVA, Antônio Manoel dos Santos. (Aut.). **Bárbaros Submetidos: (Interferências midiáticas na prosa de ficção brasileira)**. São Paulo: Arte & Ciência, 2006, cap. 4. p. 101-166.

TODOROV, Tzvetan. A origem dos gêneros. In: TODOROV, Tzvetan. (Aut.). **Os gêneros do discurso**. São Paulo: UNESP, 2018. p. 66-85.

XAVIER, Valêncio. **O mez da gripe e outros livros**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ZIBORDI, Marcos Antônio. O livro-reportagem construído com imagens: diálogos com O mez da gripe, de Valêncio Xavier. **Discursos Fotográficos**, [S. l.], v. 18, n. 31, p. 143–170, 2021. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/44841>. Acesso em: 5 dez. 2024.

OS AUTORES

Felipe Feitosa Peixoto é graduado em Direito pela UNIFAP, pós-graduado em Direito Penal e Criminologia pela Universidade Regional do Cariri. Mestrando em Letras pela Universidade Regional do Cariri, PPGL. Graduando em Letras pela Universidade Estácio de Sá.

Guilherme Mariano Martins da Silva é doutor em Teoria da Literatura pela Unesp de São José do Rio Preto, instituição na qual realizou toda a sua formação acadêmica superior. Atualmente leciona literatura norte americana e língua inglesa na Universidade Regional do Cariri (URCA), sendo professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Letras na mesma IES. Como membro do grupo de pesquisa NETLLI, suas pesquisas atuais estão voltadas para as relações de homologia estrutural entre o romance e outras artes, metaficção e metanarração, assim como para as questões de ensino-aprendizagem e internacionalização em casa nas interações de Teletandem.